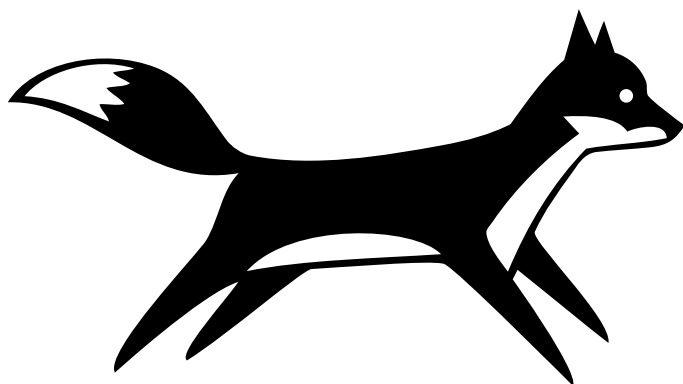

O sexo é certo

Tales Gubes



O sexo é certo

Eduardo acordou ansioso.

Poucas coisas tinham esse poder sobre ele, que enfrentava com a mesma cabeça erguida conflitos amorosos e ataques homofóbicos. Sua vida sexual ativa e seus trejeitos considerados pouco masculinos sempre o colocaram frente a ambos os problemas. As paixões, por um lado, esvaneciam-se sem demora quando do surgimento de algum novo coração ou corpo para ocupar os pensamentos. Já as ofensas de sujeitos inconformados com a existência de outras pessoas no mundo passavam em branco e viravam fragmento de memória em questão de instantes.

Desde pequeno Dudu lutara pelo seu direito de existir entre pessoas que não compartilhavam de seus desejos ou tampouco entendiam seus movimentos hiperbólicos. O olhar alheio dos outros era a plateia para o seu espetáculo particular, mesmo quando o resultado obtido não fossem os aplausos esperados. Não que agisse em busca de atenção, esse é um pensamento que sempre recusara. Sua personalidade extrovertida e a força de caráter para defender a sua posição no mundo é que o destacavam e exigiam providências daqueles menos aptos à tolerância.

Embora a experiência houvesse lhe ensinado a lidar constantemente com a dor e também a escondê-la habilmente por baixo de uma camada de ousadia e irreverência, foi ao mesmo tempo a fronteira e abismo entre ele e sua família. No dia em que as discordâncias com seu jeito tornaram-se físicas por meio da mão de seu pai, Eduardo juntou uma mochila com algumas roupas e deixou sua casa e cidade. Aos doze anos era tão do mundo quanto se poderia esperar de alguém que não pertencia a ele. Voltou à residência três semanas depois com a promessa de que nunca mais seria encontrado com as calças arriadas e algum vizinho lhe penetrando. Não foi mentira: nunca mais seus pais o flagraram durante suas vivências sexuais. Isso não

significou uma redução em suas aventuras e explorações de corpos e prazeres, apenas deixou-o mais atento aos sinais de perigo. Seus pais, talvez inconscientemente, passaram a mantê-lo informado sobre onde estavam e especialmente a que horas chegariam em casa todos os dias.

O silêncio entre os parentes foi convenientemente disfarçado ou substituído pela compra de um computador, o qual passou a absorver bastante tempo e atenção de Eduardo. Sem demora ele descobriu as facilidades que a internet oferecia para explorar outros mundos e conhecer pessoas de todos os lugares, em especial de cantos ainda inacessíveis da cidade.

Junto ao computador Dudu passou a explorar a sua própria imagem em comparação com outras tantas que encontrava virtualmente. Era um jovem tipicamente bonito, loiro, olho claro, pele lisa quase de moça. Aproveitara-se de suas características físicas desde que se podia lembrar, praticando uma provocativa arte de sedução. Se antes do acesso à internet encontrava-se com vizinhos, primos e eventualmente professores inclinados aos mais jovens, após conectar-se ao mundo passara a conhecer também advogados, vendedores, médicos e outros adolescentes entediados e sedentos por sexo.

Finalizados os estudos do Ensino Médio, Dudu dedicou-se a estudar para o vestibular. Pairava sobre sua casa uma esperança de aprovação motivada pela libertação de filho e pais. A liberdade chegou somente um ano depois, quando já trabalhando por conta própria, foi aprovado no vestibular para o curso de Publicidade e Propaganda e anunciou em casa que se mudaria para mais próximo da faculdade. Não caíram lágrimas nem se apertaram abraços, embora os corações de todos estivessem aquecidos com aquela notícia.

Os cinco anos seguintes foram dedicados aos estudos do Ensino Superior, culminando no dia em que enfrentaria a banca de defesa de seu trabalho de conclusão de curso. Dudu estava

mais do que preparado para argumentar sobre suas escolhas e caminhos na pesquisa monográfica que empreendera para encerrar seus estudos, mas ainda assim não conseguia deixar de sentir ansiedade frente ao fato de que teria um renomado professor como membro da banca. Conhecido pelas suas críticas ferrenhas e muitas vezes desproporcionalmente duras, o professor Afonso Guerreiro causava um efeito estranho sobre Eduardo, uma ansiedade ainda sem nome. Ele próprio havia requisitado à sua orientadora que chamasse o sujeito, desafiador como de costume. Aceito o convite, porém, a iminência do encontro ganhou uma proporção diferente da imaginada inicialmente.

Com o despertador gritando mais cedo do que de costume, Dudu abriu os olhos para o dia em que daria o último passo rumo à conclusão de seu curso. Desligou o aparelho gritante e deixou-se na cama refletindo sobre o dia que teria pela frente. A ansiedade lhe tomava o coração e o fazia bater gelado, uma sensação desgostosa e indesejada. Dudu sorriu, pois sabia como resolveria esse problema: uma visita à sauna no fim da tarde lhe traria gozo suficiente para enterrar qualquer inconveniência que o tal professor viesse a manifestar. Se havia uma certeza em sua vida era a de que o sexo tinha um poder curativo maior que qualquer decepção.

A hora seguinte ao acordar foi dedicada inteiramente a se vestir e a organizar o cabelo para que parecesse suficientemente casual. Esse era um desafiador ritual diário ao qual Eduardo não poupava esforço ou tempo. Em inúmeras ocasiões chegara atrasado às aulas ou a encontros marcados em virtude de não haver alcançado em tempo hábil a aparência desejada.

Enquanto tomava café, Dudu permaneceu envolvido nos próprios pensamentos ensaiando mentalmente as palavras através das quais apresentaria o resultado dos seus últimos seis meses de trabalho. Separou na mochila um ou outro livro que utilizou durante sua pesquisa a respeito da nudez masculina na publicidade con-

temporânea e também o pendrive no qual estava o arquivo com as imagens de sua apresentação.

Caminhou até a faculdade recitando em voz baixa os seus vinte minutos de apresentação. Olhava para frente, mas não enxergava os corredores matinais com shorts curtos e sem camisa. Seus olhos estavam concentrados na imaginação, perdidos numa possibilidade de futuro que estava prestes a se concretizar. Encontrou no auditório da faculdade alguns rostos conhecidos, como o de seu melhor amigo Marcelo. Ele já deveria estar lá havia vários minutos, preocupado que era em cumprir horários.

– Bixa, não precisava ter vindo. – Dudu comentou, mas Marcelo sabia que aquela não era uma verdade. Podia sentir no olhar perdido de Eduardo a preocupação que ele tentava esconder, uma habilidade desenvolvida ao longo de mais de dez anos de amizade.

– Precisava, sim. – Marcelo abraçou novamente o amigo. Não era dado a intimidades físicas, mas com Dudu conseguia superar essa barreira. – Vai dar tudo certo.

Eduardo cumprimentou ainda uns e outros colegas de curso e então se dedicou a ajeitar a sua apresentação no computador da faculdade. Assim que completou o processo, viu sua orientadora adentrar lentamente no auditório carregando um copinho de isopor cheio de café fumegante e um sorriso no rosto. Ela estava atenta à pessoa que caminhava ao seu lado, um homem alto, corpulento e com uma barba preta espessa adornando o rosto. Ele estava rindo, o que aliviou Dudu momentaneamente. Se ele ria, talvez não fosse tão ruim quanto ouvira falar.

Continuou observando o professor, sua camisa de flanela vermelha e preta, sua calça escura e seus tênis vermelhos quase cor de rosa. De súbito, os sorrisos desapareceram e a orientadora adiantou-se para dar início à cerimônia. Explicou aos presentes que Eduardo teria alguns minutos para expor o seu trabalho, em seguida sendo interpelado pelo examinador da banca, Afonso Guerreiro.

Valendo-se de toda a concentração que conseguira reunir, Dudu falou sobre sua temática de pesquisa, explicou metodologias e análises e inclusive encontrou espaço para uma ou outra piada. Apesar da ansiedade, estava confiante de que havia feito um bom trabalho e que, portanto, não havia nada a se preocupar. Ao menos era o que repetia para si mesmo intensamente.

Após concluir sua fala, sentou-se para ouvir as considerações do professor convidado. Os próximos minutos foram preenchidos por afirmações de inconsistência teórica e ingenuidade metodológica, bem como apontamentos de equívocos no texto escrito entregue por Dudu. A cada nova frase de Afonso, aumentava o desejo de Eduardo de sumir ou de esconder-se. Uma lágrima teimosa começou a se formar e clamar por liberdade, mas ele a conteve com toda a força. Sua vontade era de responder-lhe que ele não tinha o direito, que ele estava errado na avaliação, que estava buscando um trabalho muito mais complexo do que tivera tempo de realizar. Quando Afonso terminou de expor suas considerações sobre o trabalho de conclusão de curso, Eduardo sentiu o coração batucando intenso. Respondeu da melhor forma que conseguiu enquanto internamente espumava de ódio. Estava certo de que os apontamentos feitos pelo professor eram no mínimo injustos.

Sentia-se humilhado.

A defesa terminou em seguida. Dudu teve seu trabalho aprovado, afinal, porém não sem inúmeras ressalvas destacadas por Afonso. Teria ainda alguns dias para realizar as correções sugeridas antes de entregar a versão final de seu trabalho e se encaminhar para a formatura. Consternado, sabia que precisaria resolver sua frustração e já tinha em mente o remédio, exatamente como havia previsto pela manhã. Despediu-se ligeiro dos convidados e encaminhou-se para um de seus lugares favoritos na cidade: uma sempre bem visitada sauna gay no centro da cidade. Passou por um grupo de militares realizando seu exercício diário de corrida

no parque e olhou-os lascivo, mas não tinha tempo a perder flertando com pessoas que não retribuiriam o desejo imediatamente. Além disso, não tinha paciência para lidar com sujeitos que tivessem mais desejo de controle do que ele próprio.

Entrou na sauna no fim da manhã sem pudor algum. Estava acostumado a circular por ambientes de sexo fácil e não lhe constrangia assumir seus desejos. Eventualmente percebia algum olhar escandalizado, mas nada que não pudesse ignorar. Pagou a entrada, tirou a roupa e guardou-a num armário, ficando envolto apenas por uma toalha branca que não fazia direito o serviço de esconder suas formas torneadas pelo hábito da musculação. Caminhou por um bar dentro da sauna observando os poucos frequentadores. Desanimado com as opções, sentou-se na esperança de que alguém mais interessante entrasse no local e lhe retribuísse o tesão. Destinava um longo olhar para cada homem que surgia pela porta, avaliando e imaginando possibilidades, mas, como se esperasse por alguém específico, não encontrava excitação em nenhum deles.

Dudu compreendeu o que estava aguardando no instante em que o viu. Alto e forte, com uma barriga saliente e muitos pelos negros por todo o corpo, Afonso parou na porta e dedicou-se a observar os homens. Por um instante deixou Eduardo em dúvida se não o havia notado ou se estava sendo ignorado, porém o professor em seguida percebeu que estava sendo encarado e ajeitou um sorriso torto.

– Veio relaxar? – O inconfundível sotaque brasileiro parecia desarmado e inofensivo, em oposição ao encontro da manhã.

Dudu olhou-o bastante até decidir como responderia. Percebera ali uma chance de realização que somente passara pela sua cabeça em brincadeiras aleatórias com seus amigos. Sempre dizia a Marcelo, por exemplo, que havia convidado o conhecido Afonso Guerreiro para a sua banca não pela sua fama, mas pelo tesão de comer um cara tão temido na área.

– Vim, depois de tu ter me fodido hoje de manhã.

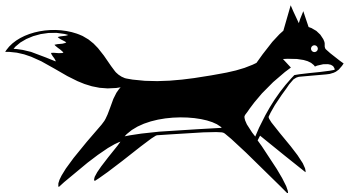
Afonso riu e involuntariamente levou a mão até o braço de Dudu, antes de perceber o movimento e recuá-la alguns centímetros. *Eu sabia*, Eduardo pensou, iniciando um sorriso de tubarão prestes a tragar sua presa.

– O seu trabalho estava ruim, só isso.

Eduardo ignorou as palavras e deteve o olhar na mão de Afonso, depois em seus olhos. A seriedade que havia percebido no professor horas antes havia se transformado em excitação.

Dudu perceberia ali que Afonso estava tão excitado quanto ele. Sem demora ambos iriam para uma sala reservada, na qual poderiam explorar seus corpos e desejos sem freios. Enquanto se beijassem, buscariam com as mãos alisar e conhecer todo o corpo um do outro. Falariam pouco, não haveria interesse algum no que poderiam ouvir. Os interesses de Dudu e de Afonso seriam explicitamente sexuais e coroados com gozadas fartas. Saciados, tomariam banho e seguiriam suas vidas. O encontro dificilmente seria repetido, tampouco haveria necessidade disso. Valeria o prazer da tarde, que em nada teria conexão com o encontro da manhã, ao menos para Afonso.

Eduardo voltou à realidade quando o professor se despediu e se encaminhou para outro canto no bar, a fim de conversar com um homem musculoso careca e peludo. Afonso, o professor Afonso, conseguira na sauna aquilo em que falhara na defesa do trabalho de conclusão de curso: fazer com que Eduardo revisse suas certezas.



Gostou do texto? Achou ruim? Tem alguma sugestão de como ele poderia ser melhor? Quer conversar com o autor? Passa lá no site e deixa um comentário! :)

www.talesgubes.com